

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A FESTA DE SANTOS REIS DO INTERIOR PAULISTA NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

Aline Fabri Segateli
Centro Paula Souza – ETEC/SP
E-mail: alinefabri1@yahoo.com.br

Nos séculos XX e XXI, a globalização trouxe uma tendência de massificação cultural à sociedade. A estrutura sócio-cultural estabelecida desde o fim dos anos 80 até os dias atuais, denominada pós-modernidade, tem configurado um contexto de cultura de massas ligada ao capitalismo. Culturas locais têm muitas vezes, sido suprimidas devido ao forte apelo à tecnologia, às mídias, à comercialização cultural de bens efêmeros, de alta rotatividade e poder de sedução consumista que atenda a lucratividade. Por outro lado, há casos em que as características da pós-modernidade foram empregadas no fortalecimento dessas culturais identitárias, e não em seu esfacelamento.

Diante desse cenário, vale identificar a resistência de grupos que se prenderam a memórias e a caracteres identitários culturais, e não se deixaram levar por esse movimento de diluição de seus costumes. A manifestação cultural e religiosa que constitui o ritual da Festa de Reis ilustra a manutenção de costumes e tradição vinculados a sua identidade e a sua diversidade, mesmo neste contexto pós-moderno. Frente à relação afetiva desse grupo com o passado e com a manutenção dessa manifestação, cabe ao historiador a análise dessa construção de afetividade, de memória e de identidade de forma racional e metodológica. Para sobreviver em meio às transformações tecnológicas da pós-modernidade, os grupos de culturas particularistas vão fazer uso desses recursos para se fortalecer.

Numa reflexão diante de possíveis rupturas com a tradição cultural, com a identidade e com o particularismo representativo de determinados grupos, dentro desse contexto pós-moderno, precisamos investigar se houve mesmo uma crise de identidade. A persistência de culturas locais não estaria por outro lado, transformando esse caráter massificador da pós-modernidade? Em que condições as festas religiosas, como a Festa de Santos Reis, estariam configuradas nesse contexto pós-moderno?

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A filósofa política alemã Hannah Arendt levanta inúmeras questões acerca da “crise da cultura” (1979, p. 248). Aponta para a existência de uma cultura para as massas, constituída de diversão, oferta de produtos a serem consumidos pela sociedade, como qualquer outro bem de consumo. Bens de consumo que desaparecem no decurso da vida, rapidamente, de forma que a necessidade do entretenimento começou a ameaçar o mundo cultural em seu estado genuíno. Para gerar lucro, a indústria cultural tem que oferecer periodicamente material de consumo fácil. Para isso, em muitas situações se apodera dos objetos culturais originais, tornando-os vulneráveis à destruição. Ocorre então um distanciamento da cultura para com a identidade das pessoas. É indiscutível que esse esvaziamento cultural realmente ocorra em muitas situações, e em diferentes situações artísticas e culturais. Mas se tomarmos como objeto essa festa religiosa bastante presente no interior paulista, o que podemos identificar?

Hobsbawm identifica fraturas na organização de mundo do século XX, no que diz respeito à cultura. Assim como Arendt, ele analisa aspectos desse século, e aponta para o colapso da cultura da alta burguesia do século XIX, devido ao modo de produção capitalista, que a produz e a transforma, constantemente, e ao que sobrou dela no século XX. Na velha sociedade burguesa a arte e a cultura duradouras eram mais valorizadas. Os conceitos tradicionais das mesmas ficaram obsoletos na atualidade, de acordo com esses pensadores, muito se perdeu nos quesitos de estética, conteúdo e expressão de sentimentos. Marxista, Hobsbawm tentou analisar essa trajetória burguesa do século XIX para XX no campo da cultura. E ao se referir à mesma no final do século XX afirmou: “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação com o passado público da época em que vivem.” (HOBBSAWM, 1995: 13). Confere à própria burguesia a responsabilidade pelo ocorrido. E afirma que a sociedade burguesa tal qual existia no século XIX, desapareceu com a geração pós-1914. Discorre mais sobre isso em outra de suas obras:

[...] este livro também se refere a uma época da história que perdeu o rumo e que, nos primeiros anos do novo milênio, com mais perplexidade do que lembro ter visto numa já longa vida, aguarda, desgovernada e desorientada, um futuro irreconhecível. (HOBBSAWM, 2013: 9-10)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Desta forma, por meio de diferentes possibilidades, distintas visões de mundo, e múltiplas práticas, a cultura e as artes de antes, se desmancharam.

O Capitalismo e a Industrialização teriam vitimado a sociedade burguesa no que diz respeito a sua cultura. O consumismo voltado para o lucro, e a educação de qualidade restrita a grupos privilegiados. Todo esse modelo organizacional teria culminado em tempos fraturados, onde a cultura que expressa a alma, a identidade e faz parte de forma significativa da vida dos sujeitos, teria ficado desorientada, perdida nos novos tempos.

O teórico cultural Stuart Hall ao se referir a este sujeito da pós-modernidade e ao impacto da globalização sobre a identidade cultural, aponta que este indivíduo assume identidades diferentes, em distintos momentos, e que diante da multiplicidade de identidades possíveis ao longo da vida, ele se adequa a sistemas de significação e representação que lhes traga sentido. Desta maneira, as identidades modernas não estariam sendo fragmentadas, sim deslocadas (HALL, 2006). Um mesmo indivíduo possui mais de uma identidade em sua vivência. O espaço e o tempo diminuiram a distância de antes, e é cada vez mais possível participar daquilo que não se conhecia.

Se tratando da dimensão das festas e dos rituais religiosos, as Festas de Reis presentes no interior paulista trazem consigo a problemática da identidade envolvendo diferentes gerações de sujeitos. Na organização cotidiana desta festa, o grupo faz uso de elementos da pós-modernidade para se manter e se difundir perante a sociedade. A tecnologia em transportes, em instrumentos musicais e a comunicação via internet são utilizados como meios para fortalecer o ritual, e se garantir a continuidade da identidade, advinda do início do século XX, na região do interior paulista. A crença nos três Santos Reis como intercessores do povo junto a Deus continua. E a memória sobre a origem bíblica também. A história da visita dos três magos ao menino Jesus recém-nascido, na manjedoura, guiados pela Estrela Guia no céu, continua sendo contada no século XXI. Pois mesmo ainda representa sentido para aqueles que a contam.

O grupo tem conseguido dar significado às suas demandas diante ao mundo globalizado. E sua identidade não tem sido desconstruída, pelo contrário, tem resistido, e chegado até mesmo a outros grupos, de gerações mais novas, cuja relação com o ritual não existia há pouco tempo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A manifestação aos Santos Reis, da Companhia Estrela do Oriente do município de Cândido Mota/SP, por exemplo, esteve presente nas reportagens da mídia impressa local, fez uso da internet e redes sociais para propagar seus ritos, além de livretos memorialísticos distribuídos à comunidade. A Festa de Reis, por conferir identidade a um grupo de indivíduos, tem ganhado espaço no campo da cultura imaterial e patrimonial e tem-se feito resistente no contexto da pós-modernidade. A memória do grupo é utilizada para conferir força à existência das características identitárias que representam o modo de vida de seus integrantes, sua crença, religiosidade, hábitos e costumes, sem que a dinâmica do consumismo, do efêmero e do volátil, tome conta de forma superficial da organização da comunidade local em questão. As fraturas causadas pela globalização nem sempre alcançam a todos os grupos de culturas particularistas. E o que parecia inevitável, ou seja, a desintegração de práticas e domínios da vida social de grupos com características próprias nem sempre acontece. E muitos desses grupos conseguem se manter vivos e resistentes. Outros exemplos, da região do Vale do Paranapanema, são as cidades de Florínea e Palmital que se destacam com manifestações religiosas culturais aos Santos Reis de forma anual. Com festas grandiosas, Companhias organizadas e milhares de devotos.

Mesmo inserida num ambiente de forte apelo à cultura de massas e ao consumismo, essa manifestação continua existindo com suas particularidades perpassadas por diferentes gerações. E essas gerações, cada qual com características de tempos diferentes, carregam as memórias que solidificam o ritual cultural que desejam manter na sociedade. As práticas desses sujeitos estão em constante consonância com a tentativa de manutenção de uma identidade e a existência do grupo com suas particularidades.

Mas afinal, houve uma crise de identidade na pós-modernidade? As reflexões de Arendt e Hobsbawm apontam que sim. Tanto no modo de se criar, como no de se manter a cultura. Mas isso não significa que não existam grupos capazes de enfrentar lutas travadas por direitos de reconhecimento histórico e social em defesa da memória e de sua identidade.

A festa religiosa em sua dimensão cultural, tem, por meio de suas práticas cotidianas conferido sentido à sua existência na pós-modernidade. Mesmo diante de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fraturas, de incertezas dos novos tempos, ela tem se mantido com uma identidade constante e representativa de gerações antigas e novas. Identidade esta que em muitos casos se deslocou e se adaptou ao mundo pós-moderno, assim como bem colocou Stuart Hall. Ela tem feito uso da memória como um forte instrumento de manutenção, divulgação e fortalecimento de seus ritos, símbolos e sentidos. O que a fortalece diante do mundo globalizado. E que ilustra a relação íntima que existe entre memória e identidade, apontada por Michael Pollak (1992). Essa mesma relação também é identificada por (CANDAUI, 2019) onde o objetivo no momento da organização da memória é principalmente estruturar o sentimento de identidade. Surgem então inúmeras questões que giram em torno da memória, pois ela representa interesses de grupos. O que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. (POLLAK, 1989).

A memória, com sua relação afetiva com o passado, tem sido divulgada por meio de ferramentas pós-modernas. Pela internet e pelas redes sociais, principalmente. Pedro Telles da Silveira analisou a relação da memória com as mídias eletrônicas e constatou uma íntima ligação que vem se delineando do espaço on-line como suporte para a memória e a formação de identidades no século XXI. (SILVEIRA, 2016).

Nas Festas de Reis, é possível identificar essa relação com a tecnologia pós-moderna. Os foliões divulgam os ritos da manifestação religiosa nas redes sociais, fazem uso de selfie com membros da Companhia de Reis, organização responsável pela condução das rezas, performances, danças, cantorias de forma anual. O folião em entrevista afirma em entrevista que: “O intuito de criar foi para apresentar para os devotos nossa cultura, mostrar um pouco de nossa jornada, e registrar também esses momentos.” (FABRI, 2021: 95). Elementos que poderiam desintegrar essa tradição cultural, como a tecnologia, tem sido usados como meios de sobrevivência, manutenção e fortalecimento da mesma.

Essa seria sua transformação contemporânea da memória para alcançar seu objetivo, a manutenção da identidade de um grupo, diante da crise de identidade advinda da globalização, da massificação, do consumismo, e do efêmero. Em meio à crise de identidade, também existe o deslocamento, a adaptação e a continuidade de tradições identitárias representativas.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise da cultura: sua importância social e política. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 248-281.

CANDAU, Jöel. Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

FABRI, Aline Segateli. Patrimônio Cultural Imaterial? Memória e religiosidade popular expressas nas representações da Companhia de Reis “Estrela do Oriente”, em Cândido Mota/SP (1983-2019). 2021. 149 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em História). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric J. Tempos fraturados. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

SILVEIRA, Pedro Telles da. Da história instantânea ao arquivo infinito: arquivo, memória e mídias eletrônicas a partir do Center for History and New Media (George Mason University, EUA). FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.3, nº1, p. 24-42, jan.- jun., 2016.